

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE DEZEMBRO DE 1909

N.º 262

Assumptos religiosos



(Cliché de A. C. Lima).

Partida de Nossa Senhora para o Egypto
Detalhe do presepio da Igreja da Madre de Deus

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

O regresso de Sua Magestade El-Rei traz a normalidade à vida política. O governo e as oposições. Cae ou não cae? O sr. Wenceslau ou o bloco? Preparativos para uma guerra pavorosa. Os que estão a postos. Os que estão de palanque. O eterno indifferente. Nem as experiencias tentam já o paiz. A receita do sr. Alpoim. Um piteu que se esturra. Monarchia italiana a um ou peixe espada a todos? Dias de expectativa.

Com o regresso de Sua Magestade El-Rei, a quem Lisboa fez uma verdadeira apothecose, fechando assim com chave de ouro a triumphal viagem do monarcha, voltou a politica à normalidade, isto é... à anormalidade. As treagoas que os partidos politicos de

tismo e aconchega o *couvre-pieds*, o chefe do gabinete empurra a poltrona para junto do fogão do seu gabinete no hotel Bragança e os outros se apparecem nas secretarias é para assignar o expediente, passando logo o pé à massadoria e procurando no aconchego dos seus lares evitar os rigores da estação, que, valha a verdade, não se tem feito sentir demasiadamente. Isto desespera os irrequietos pretendentes à dura missão de governar. E quando se lhes fala nas probabilidades de uma recomposição ministerial pelo preenchimento da pasta da justiça e porventura pela substituição de mais alguns ministros dispostos a abandonarem o poder, vão aos ares. Pudera! Quem espera desespera. E isto de esperar por uma pasta de ministro deve ser situação tão angustiosa como a de esperar por sapatos de defunctos... que ainda bolem.

No meio de tudo isto, a parte mais interessada, o paiz, mostra-se o mais desinteressada possível pela luta dos politicos. Falem-lhe na luta do Raku e do Deriaz no Colyseu e conseguirão commovel-o. Mas se derivarem a conversação para as pugnas dos homens de Estado, vel-o-hão assobiar a *Maria Caxuma* com o ar de enfado e voltar costas. A isto chegámos. Ao paiz é hoje indifferente que vão lá estes ou aquelles. Se amanhã lhe disserem ao acordar que isto agora

O regresso de El-Rei da sua primeira viagem ao estrangeiro



O Senhor D. Affonso dirigindo-se para a estação do Rocio afim de aguardar a chegada de Sua Magestade
(Cliché de A. C. Lima).

oposição tinham promettido ao governo durante a regia jornada — e foram frescas, não ha duvida — terminaram. Os combatentes tomam as armas ensarilhadas em frente do acampamento e começa a tarefa de rui o estrado ministerial d'onde os actuaes seis secretarios de Estado não parecem muito dispostos a sahir.

Vão correr rios de tinta. O almasso liso em *linguados* vae ter uma enorme extração. Chegou o S. Martinho das papelarias que é festa móvel porque se realisa só n'estas circumstancias: quando algum partido ou alguns partidos pretendem mandar d'esta para melhor um governo.

O bloco de regeneradores e dissidentes sob a chefia do sr. conselheiro Julio de Vilhena faz os seus preparativos. De um lado, formidável, o sr. Alpoim prepara-se para vibrar á cabeça do governo a móbada da sua prosa campanuda, o mais theatral dos trovões de lata que se ouvem nos bastidores da politica nacional; do outro, o sr. José de Azevedo, a quem ha dias o seu illustre chefe concedeu a alternativa na direcção politica do órgão do seu partido, põe-se á vontade, em mangas de camisa para melhor manejar o seu sabre de combate. De palanque, progressistas, henriquistas, nacionalistas, regeneradores-liberaes e porventura outros que ainda não estão catalogados e etiquetados limpas as lentes dos binoculos para melhor apreciarem a luta, que realmente promette ser interessante.

O governo, no entanto, mostra-se muito sereno, muito tranquillo, não dando signal de si. Quasi não sae de casa. Um dos ministros está a contas com uma *grippe* teimosa, outro queixa-se de reuma-

está sujeito ao regimen de cacetete aconselhado pelo conservantismo reaccionario do *Portugal*, elle ficará tão indifferente como se lhe levarem á cama a noticia de que a corôa decidiu seguir o conselho do liberalismo radicalissimo do *Dia*, democratizando a monarchia por forma a que o sr. Augusto José da Cunha e o sr. Bernardino Machado se vejam outra vez na necessidade de se tratarem pelo titulo honorifico de conselheiro.

Nem mesmo as experiencias tentam já o paiz. A mais recente, a do sr. João Franco, ainda o apaixonou. Mas essa parece ter sido a ultima. O sr. Alpoim ha muito que reclama o seu elixir para os diversos males que affligem o organismo nacional, baldadamente. Está em risco de ficar com um grande stock do remedio maravilhoso.

Remedio, disse eu, mas parece não se tratar de um remedio. Eu explico. Todos os chefes politicos tem, como muito bem se sabe, desgraçadamente, um programma politico. O sr. Alpoim, intelligente e pratico como poucos, quando se poz á frente da sua guerrilha, não quiz adoptar programma: optou por uma receita. É essa receita é — *Monarchia á italiana*. Ninguém sabe o que isso é, mas eu desconfio que se trata de monarchia bem passada com macarrão e queijo. Não pode ser outra coisa e quer-me parecer que não deve ser mau. A questão estará na mão de tempero...

O illustre chefe da dissidencia progressista tentou já a experiencia, mas foi victima d'uma malfetoria. Foi o caso que, organisando-se o actual governo, a dissidencia instou por que o sr. dr. Francisco José de Medeiros fizesse o piteu. O sr. Wenceslau de Lima, que não

aprecia comidas indigestas, não gostou muito da lembrança; mas, como não é homem para desmanchar prazeres, declarou que era de cêra e que o que viesse — marchava.

Apressadamente todos tomaram lugar á mesa, menos o sr. José Luciano, que não fôra convidado e ficára a um canto, a mastigar em sêcco aquella afronta, coíando o bigode, afagando o gato e porventura acariciando uma ideia que fazia sorrir a sua bocca ironica...

sonjeiras, esquecendo-se inteiramente da desejada iguaria. Foi o seu erro, o seu tremendo erro! O sr. José Luciano que o não perdia d'olho, enxotou o gato, ergueu-se, surrivelmente se acercou do fogão, lançando á fornalha duas grandes pás de carvão. Logo um farto lume abraseu a caçarola e o sr. José Luciano voltou para o seu lugar e o gato voltou-lhe para os joelhos e o sorriso voltou aos lábios do velho estadista.



(Cliché de A. C. Lima).

O regresso de El-Rei da sua primeira viagem ao estrangeiro

O Senhor D. Manuel sahindo da estação

Entretanto o sr. dr. Medeiros punha o mais immaculado dos seus aventaes, encaixava na cabeça o mais alvo dos seus bonets, aliava a faca na borda d'um alguidar e preparava o delicioso pestisco. Os olhos curiosos da assistencia, já numerosissima, seguiam com ansiedade os pormenores culinarios, havendo mesmo muito quem se lambesse ante-gosando aquella delicia dissidente. Por fim o sr. Medeiros depois de mexer com a tenaz as brasas do fogão, poz a caçarola ao lume e veio para junto dos convivas, que antes de tempo o felicitavam. O sr. Medeiros que descende de Adão e Eva como bom dissidente que é, cerrava os olhos de gozo, ouvindo as palavras li-

— Oh! demonio, cheira a queimado! gritou alguém.

Todos se viraram para o lume. O sr. Medeiros, pallido, enfiadissimo, correu para o fogão.

— Está tudo perdido, tudo. Queimou...

O sr. José Luciano, disfarçadamente, fazia n'esse momento uma paciencia, sorrindo para as cartas, sorrindo para o gato... Tinham-lh'a pago! O sr. José Luciano augmentando o lume, fizera entrar no petisco o bispo... de Beja. Estragara o piteu e desacreditara a receita.

Em longes terras recebeu o sr. Alpoim a terrivel nova. E n'um



(Cliché de A. C. Lima).

O regresso de El-Rei da sua primeira viagem ao estrangeiro

O cortejo real atravessando o Rocio

estado d'alma que bem avalia quem tenha tido amor a alguma coisa de sua invenção ou adaptação, veio por ali abaixo e chegou a tempo de remediar... o que tinha remedio. Rapou o esturro á caçarola, lavou-a e poz os apetrechos em ordem para á primeira voz preparar elle proprio a celebre iguaria. N'este momento s. ex.^a espera, confiado nos seus ex.^{mos} freguezes e no publico em geral, cuja visita espera para bem executar as suas apreciadas ordens. Elle e o seu pessoal estão a postos. O sr. Alpoim, então, com o ouvido apuradissimo voltado para a sala de jantar.

Ainda ninguém pediu monarchia á italiana a um. E o sr. Alpoim está muito desconcertado porque de vez em quando uma voz irritante se faz ouvir pedindo insistentemente:

— Peixe espada a todos!

E' o sr. padre Mattos que quer por força que todos comam a sua conta...

Entretanto os dias seguem-se lindos e deliciosamente temperados, sem grandes chuvadas nem incommodos lamações, o sol nasce e põe-se á hora marcada pelo *Borda d'Agua*, a Terra gira em seu eixo sem tremeliques de maior, sendo de esperar que este excellente estado de coisas dure mais quinze dias, até ao anno novo, até que a Corôa no dia 3 de janeiro, porque o dia 2 é domingo, communique ás cortes na sua casa de S. Bento:

Dignos pares do reino e senhores deputados da Nação: espero, com o auxilio da Divina Providencia, qué se comam uns aos outros, como os grilos da fabula, e que um dos sobreviventes me informe se restam sete—para se organizar o governo.

CAMARA LIMA.

Viver á força

Um sujeito farto de viver, deliberou suicidar-se e, para tornar infalivel a sua morte, tomou as mais minuciosas medidas.

Inabalavel no seu funesto desígnio, encaminhou-se para uma praia, munido de uma escada de mão, de uma corda, de uma pistola carregada, de um frasco de veneno, e de uma caixa de phosphoros.

Deitando a vista em redor de si, avistou uma estaca enterrada e inclinada sobre a agua.

Encostou-lhe a escada, atou-lhe a corda com a qual fez um nó que amarrò á roda do pescôço, tomou o veneno, acendeu o phosphoro e deitou fogo ao casaco.

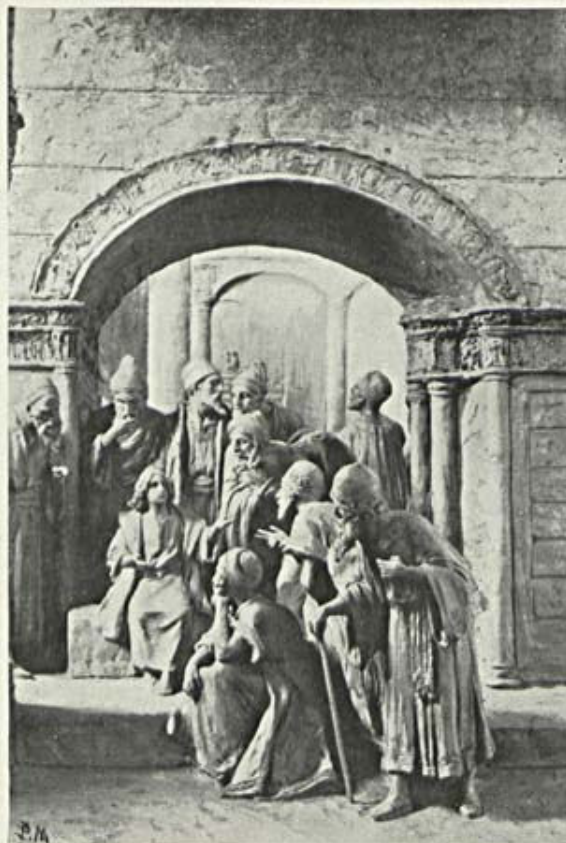
Feito isto deu um pontapé na escada, e ao mesmo tempo disparou a pistola contra a cabeça.

Porém com o balanço da falta da escada, a mão tremeu e em lugar de lhe varar a cabeça a bala cortou a corda, fazendo-o cahir na agua que lhe apagou o fato que já estava em labaredas; a agua salgada que foi obrigado a beber, com este banho forçado, obrigou-o a vomitar, dei-

tando por consequencia o veneno fóra, e um homem que, na occasião passava, salvou-o de morrer afogado.

Convencido de que não havia forma nenhuma de morrer, foi para casa, lastimando a sua peneira sorte!

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Christo entre os doutores

Rabelais

I

A pedagogia e a Renascença

A educação nova começou realmente com a Renascença. Ainda hoje muitas das afirmações dos pedagogistas do século XVI constituiriam um verdadeiro progresso, se pudessem realizar-se.

A reacção contra a tutela intelectual de Aristoteles e contra o predomínio da auctoridade; o entusiasmo pelo estudo da natureza; o sentimento vivo da personalidade, creado nas luctas religiosas e politicas do tempo; o interesse pelo eu, considerado como objecto de observação e como fundamento da acção; uma nova concepção do universo e da vida, são factos que caracterizam a época litteraria e

scientifica da Renascença, e que exerceram uma influencia decisiva na pedagogia e na educação.

Ao mesmo tempo a invenção da imprensa, a descoberta do methodo experimental por Leonardo de Vinci e por Galileu, as aventuras maritimas, a reforma religiosa, produziram um movimento intellectual intenso que devia reflectir-se na educação e na escola.

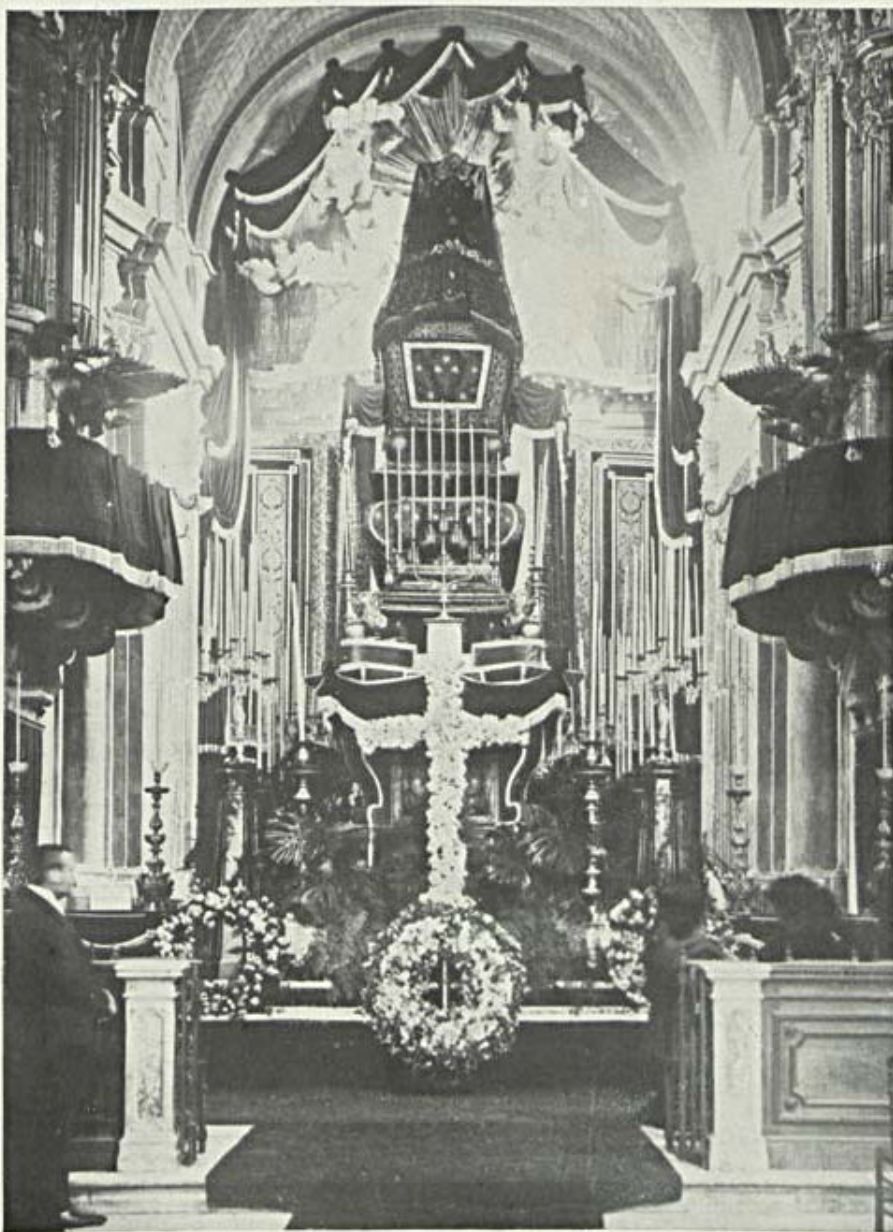
Os pedagogistas do século XVI ao mesmo tempo que atacam violentamente os processos de ensino do seu tempo, formulam novas theorias de educação, inspiradas na doutrina da antiguidade classica, e nos principios que presidiam ao movimento intellectual da Renascença.

Para se comprehender a importancia d'essa época na evolução da pedagogia, basta indicar os principios fundamentaes que então foram affirmados:

- 1.º — A condemnação dos castigos corporaes, quando humilham e não corrigem (Erasmus).
- 2.º — O ensino educativo, affirmado com precisão por Montaigne, para quem a instrução é um meio e não um fim.
- 3.º — O ensino da creança em contacto directo com a natureza e em presença das cousas (Rabelais e Montaigne).

Exequias em S. Domingos por alma da Senhora Duqueza de Palmella

Em 10-12-1909



O catafalco

As exequias mandadas celebrar pelos corpos gerentes das Cosinhas Economicas, na Egreja de S. Domingos, por alma da Senhora Duqueza de Palmella, constituiram uma verdadeira apothese das virtudes que ornavam a illustre titular. Sua Magestade a Rainha honrando a memoria da sua camareira-mór, a corte, os altos funcionarios e os mais modestos representantes da sociedade portugueza, todos alli foram, sentindo uns o respeito, outros a gratidão, e todos ligados pelo mesmo sentimento de infinita saudade por quem tão bem soube ser amiga de reis e amiga dos pobres, dama do Paço e protectora dos infelizes.

E' que, como muito bem disse o sr. arcebispo de Evora, na sua brilhantissima oração, — o seu espirito vive entre nós, nos nossos corações, nos corações d'aquelles que a amaram pelas suas virtudes e d'aquelles a quem ella tanto beneficiou com a sua incomparavel caridade.

4.º — O desenvolvimento integral do corpo e do espirito, ou a educação physica, intellectual e moral.

5.º — O interesse pela creança, o reconhecido direito que ella tem ao desenvolvimento livre das suas tendencias, e de receber a educação adequada á sua

idade e á sua evolução.

6.º — A disciplina obtida pela afecção e pelo amor (Erasmus, Montaigne, os Jesuítas.)

7.º — A observação da natureza da creança, considerada como a base da educação (Vives, os Jesuítas.)

8.º — O cuidado pela hygiene e pela limpeza (Rabelais, os Jesuítas.)

9.º — A obrigatoriedade escolar (Luthero.)

II

Rabelais rehabilitado

O primeiro tratado de educação que encontramos no seculo XVI, aquelle que inspirou Montaigne e Rousseau, é o de RABELAIS, considerado com justiça o precursor do movimento pedagogico moderno.

E todavia a *Educação de Gargantua e de Pantagruel* foi considerado como livro suspeito durante muito tempo, e nem mesmo era referido nos graves e sisudos manuaes de Pedagogia.

Comprehende-se o esquecimento propositado do extravagante e phantastico romance de Gargantua e de Pantagruel.

Nessa obra notavel o auctor de tudo ri, e é por vezes tão brutal e tão impudente na sua linguagem, que o livro naturalmente se considerou impróprio para a leitura dos normalistas.

Rabelais, transportando-se para um mundo phantastico, extravagante e impossivel, conhecia a sua época e o seu meio. Sabia que, rindo, podia escapar á perseguição d'aquelles que não perdoavam as criticas justas e violentas do seu systema de ensino e do seu pedantismo. Conhece-se a famosa contenda de Erasmo e de Reuschlin ácerca da pronuncia do grego, e a disputa de Ramus com a Universidade sobre a do *Quisquis* e a do *Quamquam*.

Todavia no meio das facécias e das brutalidades de Rabelais nota-se uma razão elevada, uma alma honesta, um fino espirito de observação, e sobretudo a comprehensão moderna da arte de educar. Sente a necessidade de adaptar á creança o systema de educação; affirma o principio do ensino educativo, isto é, do ensino destinado a formar o homem e o cidadão. Condenna o ensino livresco, o exercicio mecanico da memoria; e aos methodos antigos substitue a obser-

vação, o estudo da natureza em pleno ar e em contacto directo com as cousas. Associa á educação intellectual a educação physica e a hygiene. Protesta contra os castigos corporaes, e pede que se respeite a natureza infantil.

Modernamente Rabelais foi rehabilitado. Esse escriptor notavel, conhecido tambem pelo «cura de Meudon», medico, professor de anatomia, sabio illustre, é sob o ponto de vista pedagogico um dos mais distinctos representantes da Renascença.

III

A primeira educação de Gargantua

Gargantua é educado primeiro conforme os processos do tempo. Grandgousier, seu pae, notando o «hault sens et merueilleux entendement de son fils», confiou a educação da creança ao illustre doutor Thubal Holophernes e depois ao velho Jocelin.

Gargantua apprendeu o alphabeto e depois leu Domat, le Facet, Theodolet, Alanus, e outros, no que gastou treze annos, seis mezes e duas semanas. Passou depois ao *De modis significanti* com todos os commentarios, no que consumiu annos.

Tanto o alfabeto, como os auctores lidos e os commentarios, sabia-os Gargantua admiravelmente.

Dizia-os de cór, do principio ao fim, de traz para deante, o que causava verdadeiro assombro a Grandgousier.

Copiava tambem volumes inteiros em gothico, fazia syllogismos em latim, e estudava a logica formal e sophistica da escolastica.

Por fim Grandgousier percebeu que o filho nada comprehendia, não fazia uso da razão, nem tinha o juizo formado.

«A tant son père apercent que vraiment il estudioit très bien, et y mettoit tout son temps, toutes fois que en rien ne prouilloit. Et, qui pis est, en devenoit fou, nyais, tout reveux et rassoté de quoy se plaignant à don Philippe des Monays, entendit que mieulx lui vaudroit rien n'a apprendre que tels livres, sous tels precepteurs, apprendre. Car leurs sçavoir n'estoit que besterie, et leur sapience n'estoit que mouffles abastardissant les bons et nobles esprits et corrompant tout fleur de jeunesse.»

Irritado, Grandgousier quiz matar o velho preceptor; por fim contentou-se com lhe pagar e despedi-lo.

IV

A nova educação intellectual de Gargantua

A nova educação de Gargantua foi confiada a Ponocrates, o preceptor do jovem Endemon, typo de estudante que está ainda para realizar.

Ponocrates procede com prudencia e lentamente, porque «nature n'endure mutations soudaines sans grande violence.» O discipulo teve primeiro de esquecer tudo o que apprendera e de perder os maus habitos de estudo.

O trabalho, methodicamente distribuido durante o dia, comprehendia exercicios physicos e intellectuaes em casa e no campo.

Nesse systema de educação recommenda-se e applica-se pela primeira vez a observação e a indução que succedem ao syllogismo formalista da escolastica. Iniciam-se as lições das cousas em presença dos phenomenos e das realidades, em contacto directo com a natureza.

A astronomia estuda-a Gargantua, examinando directamente o céu. De madrugada e á noite o mestre e o discipulo, observando o firmamento, notavam «les figures, situations, aspects et conjonctions des astres; et puis, après trois heures d'études divers, ils s'en allaient au jeu du paume, dans les prés, gualatement, s'exerceants le corps.»

Quando iam ao campo, examinavam as arvores e as plantas, levavam para casa exemplares, e comparavam-nos com os livros dos antigos que delles tinham escripto.

Tambem visitavam as fabricas, os ateliers, os armazens, para conhecerem o trabalho, a industria e as artes. As lições são dadas em presença das cousas e muitas



Exequias em S. Domingos
por alma da Senhora Duqueza de Palmella

Sua Magestade a Rainha apeando-se
do automovel



Exequias em S. Domingos por alma da
Senhora Duqueza de Palmella

O sr. arcebispo de Evora



Exequias em S. Domingos por alma da Senhora Duqueza de Palmella
Cumprimentando a Senhora D. Amelia á entrada do templo

vezes em lugar de arborisarem, «visitoyent les boutiques des drouguez, herbiers, et apothecaires, et soigneusement consideroyent les fruits, racines, feuilles, gommés, semences, exonges peregrines, ensemble aussi comment on les adulteroit.»

E todos os acontecimentos, todas as cousas que appareciam, serviam para objecto de lição. E assim á mesa e em quanto comiam falavam alegremente «de la vertu, propriété, efficace et nature de tout ce qui leur estoit servi»; du pain, du vin, les viandes, poissons, fruits, herbes, racines et de l'apprest d'icelles.»

Nada escapa ao cuidado do preceptor. As faculdades estheticas são também educadas e cultivadas pela pintura, escultura, musica, canto, etc.

Vê-se que a pedagogia de Rabelais está a muitos respeitoes longe da realisação pratica. A educação em pleno ar, em plena realidade, em contacto directo com a natureza, apesar de recommendada, não existe ainda em paz nenhum em toda a sua extensão. A criança temo-la encerrada durante horas na classe, nos estreitos limites duma carteira, na immobilitade, no silencio e numa disciplina severa,

VI

A educação moral

A criação do ensino educativo attribue-se ordinariamente a Herbart. Mas o principio encontra-se já em Rabelais, para quem o fim da educação é a virtude. Sem ella não tem valor a sciencia, pois que «science sans conscience n'est que la ruine de l'âme.»

VII

O que a pedagogia deve a Rabelais

Com justiça Rabelais é considerado o precursor da pedagogia nova. O estudo da natureza pela observação directa dos phenomenos; a educação em pleno ar e em contacto directo com a realidade; as lições em presença das cousas; a applicação da observação e da indução; a geographia local estudada pelas excursões e pelo contacto

NATIVIDADE



Reprodução d'uma antiga estampa

comprimindo as suas tendencias naturaes e desaproveitando a sua curiosidade viva e espontanea.

As lições das cousas, em regra, não são dadas na presença das cousas. Predomina o livro.

V

A educação physica

O principio da época classica — *mens sana in corpore sano* — foi adoptado pelos educadores da Renascença. A educação physica acompanhava a educação intellectual. Alem das excursões e dos passeios pelo campo para conhecer directamente a natureza, Gargantua entregava-se a exercicios physicos variados, como a esgrima, a gymnastica, a equitação, a luta, a caça, etc.

Quando chovia, o preceptor e o discipulo preparavam o feno na herdade, serravam madeira, rachavam lenha, etc.

A hygiene também não a esqueceu o cura de Meudon, que foi medico e professor de anatomia. Insiste sobre a limpeza do corpo, muito desprezada nos collegios do tempo.

Detestava o internato. A esse respeito diz elle o seguinte: «Ne pensez, dit Pononates, que je l'aye mis au college de pouillerie q'on nomme Montagu; mieux l'eusse voulu mettre entre les guenails de Saint Innocent, pour l'enorme craulité et villenie que j'y ay cougny. ... Et si j'estoys roi de Paris, le diable m'emporte si je ne mettoys le feu dedans, et feroys brusler et principal et regens qui endurant ceste inhumanité devant leurs yeuls estre exercée.»

com o meio; a educação physica e a hygiene; a attenção do alumno provocada a proposito das cousas que se encontram, constituem ainda hoje um conjunto de aspirações só em parte realisadas.

Rabelais sentiu também a necessidade do ensino educativo. O respeito á creança, o protesto contra a brutalidade dos castigos, a adaptação do systema de educação á idade e á evolução do alumno, a condemnação do exercicio mecanico da memoria, encontram-se formulados na obra de Rabelais.

O homem que de tudo ria merece occupar um dos primeiros lugares entre os que trataram da educação da creança.

MARQUES MANO.

A vida é um drama escripto por Deus, tendo a natureza por scenario; por protagonista, o dinheiro; por tragedia, a mulher; por contra-regra, o destino.

O amor começa primeiro por ser uma illusão; depois um capricho; depois um sentimento; depois uma vontade; depois um dever; depois uma necessidade.

Balada do amor

As lindas moiras encantadas
cantam de amor, á luz do luar.
Não ha romãs mais encarnadas,
que as suas bocas namoradas,
Entreabertas, a suspirar.

Como os olhos brilham ardentes
sob a alvura dos *galabiehs*!
Vem dos açudes e nascentes
Um som de adufes. Entrementes,
falam de amor as *Gacidehs*.

Cantam as moiras encantadas,
vão procurar o eterno amor.
Os cavalleiros das Cruzadas
param nas sombras, perfumadas
da madresilva a arder em flor.

Juram eterno amor constante
os christãos ás moiras morenas.
Sai da roupagem alvejante
de lindo bando moço e amante
um fino aroma de açucenas

Toda a terra da moirama
resplende doce á luz do luar.
Cavalleiros! quem tal diria!
ides á guerra: n'essa portia,
não vos deixaes enfeitiçar!

Alberto Osorio de Castro.

O estudo da flauta e Rossini

Os jornaes inglezes publicaram ultimamente um relatorio medico sobre o resultado hygienico produzido pelo estudo da flauta, que constitue um exercicio dos mais salutaes para os pulmões e substitue com vantagem o passeio ao ar livre. O *Musical Times* declarou-se aterrado com esta descoberta.

«O maior perigo, diz o referido jornal, é que amadores, até agora inoffensivos por não terem a menor vocação para a musica, vão fazer pessima vizinhança, com o pretexto que estão tratando da sua saude.»

A proposito lembra-nos uma anedcota de Rossini:

Todos sabem o horror que elle professava pelos flautistas, e perguntando-lhe alguem se conhecia alguma coisa com que elle mais embirrassse, do que um solo de flauta, o celebre maestro respondeu com a sua costumada vivacidade:

— Conheço, sim, senhor; é um duetto de flautas!...

A Santa Familia



Quadro de Julio Romano, existente no Museu de Dresde



João Costa

O governo acaba de confiar-lhe a direcção da Imprensa Nacional, vaga pela morte do conselheiro Venancio Deslandes.

Esta justa recompensa de serviços leaes, dedicados e antigos, vem pôr em foco o nome de João Costa, e para elle, para a sua reconhecida modestia, esta evidencia é decerto o unico contra da nomeação official.

Longos annos pertenceu João Costa à redacção effectiva do Correio da Manhã, e quem escreve estas linhas bem pôde testemunhar o alto apreço em que Pinheiro Chagas, o grande e inolvidavel jornalista, tinha esse companheiro de trabalho, cujas aptidões jornalisticas, cujas faculdades de intelligencia e de criterio, á maravilha se casavam com uma actividade prodigiosa, uma inaudita faculdade de resolver expedientes e problemas que a toda a hora se levantam na factura de uma folha quotidiana.

A empresa d'esta revista teve durante alguns annos a collaboração assidua de João Costa, e da camaradagem affectuosa, da provada dedicação do seu antigo secretario, recordam-se com saudade os directores do Brasil-Portugal.

Os seus dotes de jornalista ampliaram-se, aperfeçoaram-se no Noticias de Lisboa, de que tem sido o redactor principal, e as suas qualidades pessoais, sobrelevando a todas uma lealdade de character que não é vulgar nos tempos politicos que vão correndo, essas largamente as tem João Costa confirmado dentro do partido regenerador, do qual nem um momento se tem afastado e que sempre com desinteresse tem servido.

Acompanhou Hintze Ribeiro com a mesma dedicação com que tem acompanhado o sr. conselheiro Wenceslau de Lima desde que este illustre estadista assumiu pela primeira vez a pasta dos estrangeiros, e o conceito publico não pôde deixar de voltar-se favoravelmente para o actual presidente do conselho e ministro do reino, que nomeando para um logar de responsabilidade o seu antigo e lealissimo secretario particular, chefe do seu gabinete, demonstra que ainda ha neste paiz homens de estado que sabem premiar o valor, o trabalho e o character.

Deficientes e incompletos seriam os traços que ahi ficam ao correr da penna, se os não fizessemos realçar com uma observação tão rapida como justa. E' que João Costa é ao mesmo tempo o mais exemplar dos maridos e o mais extremoso dos paes.

Ad amigos

Em vão luctamos. Como nevoa baça,
A incerteza das cousas nos envolve,
Nossa alma, enquanto cria, enquanto volve,
Nas suas proprias redes se embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,
E' vapor que se esvae e se dissolve;
E a vontade ambiciosa, que resolve,
Como onda entre rochedos se espedaça.

Filhos do Amôr, nossa alma é como um hymno
A' luz, á liberdade, ao bem fecundo,
Prece e clamor d'um presentir divino;

Mas n'um deserto só, arido e fundo,
Echoam nossas vozes, que o Destino
Paíra mudo e impassivel sobre o mundo.

Anthero do Quental.

Apresentação de Jesus Christo no Templo



Copia d'uma illuminura do Livro de Horas de El-Rei D. Duarte
(Cliché de A. C. Lima). existente na Torre do Tombo

Marques Pereira



(† 17 — 6 — 909)

Ha precisamente seis mezes que a morte de João Feliciano Marques Pereira nos veio surprehender dolorosamente. Por motivos de força maior o Brasil-Portugal não publicou o retrato do seu antigo collaborador. Fal-o hoje, commemorando a triste data do seu fallecimento e depondo uma saudade sobre a sua sepultura.

Marques Pereira possuia uma intelligencia clara e era um estudioso e um erudito, alliando a estas qualidades uma honradez inquebrantavel com que soube conquistar geraes sympathias. A morte levou-o quasi nas vespas do seu casamento com uma virtuosa menina, filha do seu grande amigo commendador Celestino de Menezes, que ultimamente regressou de Pernambuco, onde ha annos exerce as funcções de consul de Portugal. A sua perda enlutou duas familias que ainda hoje o pranteiam, e penalizou profundamente os seus amigos e admiradores, em cujo numero nos contavamos. Durma em paz o desditoso rapaz que o Brasil-Portugal não esquecerá nunca.

Hungaros no pateo da Onça

Uma explicação aos nossos hospedes. — Duas palavras acerca da Hungria. — Hungaros ou ciganos?

Estão desde o principio do mez em Lisboa, acampados no pateo da Onça, uns cem hungaros de ambos os sexos, que tendo ha muito sahido do seu paiz e havendo atravessado a França e a Hespanha, cujas linguas falam, aqui vieram parar depois de já terem estado no Porto. São umas creaturas curiosissimas já pelos seus typos e trajos, já pelos costumes muito diversos dos nossos. Todos elles fumam, homens, mulheres e creanças, todos trabalham, os homens ganhando a vida como caldeireiros, as mulheres occupando-se dos trabalhos domesticos, e todos confeccionando os proprios moveis e os vestuários. A caravana obedece a um chefe, o qual já aqui teve occasião de fazer justiça, devendo dizer-se de passagem que esta não revestiu nenhuma forma de severidade mas sim a brandura dos castigos applicados a collegiaes. De resto os nossos hospedes parecem pessoas honestas, pois teem pago pontualmente tudo

o titulo de reino, faz hoje parte do imperio austriaco, limitando-a ao norte e a leste os montes Carpathos que a separam da Galicia, ao sul os Alpes Transylvanios, o Danubio, a Bosnia e a Dalmacia e a oeste a Styria e a Moravia. O territorio a que hoje se dá o nome de Hungria formava no tempo dos romanos a Dacia Oriental, a Pannonia Septentrional e uma parte da Germania. No seculo iii da nossa era os godos occuparam toda a região d'onde foram expulsos logo no anno 376 pelos hunos, povo de origem asiatica e da raça mongolica. Mais tarde, no seculo iv, um outro povo veio tomar posse do territorio — os avaros, tambem asiaticos e da mesma familia dos hunos. Diz-se que do nome dos hunos e do nome de Avaria se formou a palavra latina *Hungaria*.

Por sua vez os avaros foram submettidos por Carlos Magno no anno 799 e os madgyares no anno 894, commandados por Arpad, tomaram conta do paiz, conseguindo vencer com o auxilio dos imperadores da Allemanha as numerosas tribus que então o occupavam. Convém dizer que os madgyares procediam dos finlandezes ou *fenni*, em latim, que se suppõe serem um outro ramo de hunos. Foram enfim os madgyares que ficaram senhores da Hungria e que, convertendo-se ao christianismo, a elevaram a um grau notavel de prosperidade até que em 1570 os hungaros se viram obrigados a reconhecer o dominio austriaco, sendo desde então a corôa de S. Estevo hereditaria na casa d'Austria.

Por mais de uma vez a Hungria tem tentado sacudir o jugo es-

Hungaros em Lisboa



(Cliché de A. C. Lima).

No pateo da Onça. — Alguns typos da tribu

quanto teem comido e até depositam o valor dos objectos cujo concerto lhes é confiado. Todavia — ha sempre, afinal, um *mas* — estes estrangeiros que ninguem cá chamou, chegaram aqui e, a exemplo de muitos outros, logo nos encontraram defeitos. Estes então não foram nada lisonjeiros, pois declararam, segundo nos consta, que nunca tinham estado n'uma terra tão selvagem, accusando-nos até de lhes querermos as mulheres.

A nossa curiosidade, os nossos galanteios, nada de mau significam. E' habito que nos ficou do tempo em que eramos um povo de soldados e de poetas! Hoje ainda, portuguez que se prese gosta de ver mulheres, de ouvir tocar guitarra e de se metter em brigas. Tenham paciencia, mas isto é mania cá da terra! E depois é muito mais facil apanhar... uma turca do que ver uma hungara! Portanto simples questão de curiosidade, amigos hungaros, e a curiosidade nunca foi selvageria. Deixem-se ver, deixem-se photographar, conversem connosco sem ser por dinheiro, porque pedirem dinheiro, e demais a mais prata, para se mostrarem, isso é muito feio! Não vá alguém por brincadeira, dizer que, sendo assim, os senhores se enganaram alugando o pateo da Onça quando tinham a sua disposição o Parque das Laranjeiras onde até cobre se aceita! Ora pois, não tenham mau genio, deixem-se cá estar por muito tempo e verão como mudam de opinião a nosso respeito. Isto aqui é um paraíso. Não ha estrangeiro que aqui permaneça alguns annos que não retire para a terra rico. E appellamos para o testemunho honrado de todos os gallegos que, ao menos, teem a lealdade de confessar que a *agua é nossa e nós... lh'a compramos!*

Já que falámos dos hungaros vem a proposito dizer alguma cousa da Hungria, em latim chamada *Hungaria*, em hungaro *Madgyar-Orzag* e em slavo *Uherska-Kragina*. E' uma vasta região que, com

trangeiro e uma das ultimas foi em 1848, tomando então a revolta taes proporções que só com o auxilio da Russia poudo ser suffocada. Entre os reis da Hungria contam-se dois santos — S. Estevo e S. Ladislau.

Voltando a falar dos hungaros acampados no pateo da Onça occorre perguntar se elles serão realmente hungaros ou se, embora procedentes da Hungria, serão ciganos, dados alguns pontos de contacto que se notam entre estes e os nossos hospedes, taes como os seus costumes nomadas, a sua obediencia a um chefe, a sua habilidade para o trabalho dos metaes e até o seu officio de caldeireiros muito espalhado entre os ciganos. E' sabido que estes, comquanto sejam um povo nomada, se fixaram de preferencia n'alguns paizes e precisamente a Hungria é onde elles mais abundam. Os ciganos, bohemios ou zingaros são conhecidos na Europa desde a antiguidade e já então elles vendiam bronze aos europeus.

A sua origem tem sido largamente discutida mas parece hoje estar averiguada por completo de forma a não restar duvida de que o seu berço foi a India.

Os ciganos dão a si proprios o nome de Sinte, o qual lembra o rio Sind ou Indus onde vivia um povo — os Tehinganos — que as hordas de Tamerlan d'alli expulsaram.

Confirmando esta opinião acerca do seu proximo parentesco com os hindus ha ainda o facto da lingua dos ciganos, que obedece a regras grammaticaes fixas, se parecer bastante com o sânskrito, embora comprehenda muitos vocabulos de quasi todos os paizes. No entanto os modernos ciganos dizem-se oriundos do Egypto.

Pouco tempo depois das Cruzadas appareceram na Europa alguns bandos de ciganos, pensando-se então que seriam christãos que voltavam da Terra Santa.

A GUARDA



Nesta altitude onde approve a D. Sancho I reconstruir a velha Egyptania, sente-se que a terra não está ainda curada da sua ultima convulsão geologica.

A temperatura é tão leviana e brusca que mal dá tempo ao fiel barometro de a fixar por muitas horas.

O mercurio da sciencia que sobe as escarpas d'esta serra, se tivesse a potencia do seu homonymo mythologico, de ha muito teria estoirado de impaciencia todos os thermometros da região.

Como se a natureza estonteada soffresse delirios intermittentes, offerece-nos madrugadas de junho em fevereiro, neves frias em junho, fogos de agosto em dezembro e demorada invernia no outono.

Não raro acontece por madrugadas de janeiro, antes do sol nascer, abrir-se a janella do quarto, em mangas de camisa, e ficar-se a gente regaladamente de braços cruzados no peitoril, sob as caricias de uma atmospheria tepida, a gosar um espectáculo de maravilha.

Soltando os olhos d'esta altitude de 1.057 metros, por centenaes de kilometros, não se descobre frança de arvore nem leira de terra baixa.

Uma nevoa densa, alvissima, horizontal, como um liquido branco em socego, reduz a visão a um mar leitoso, coberto escrupulosamente por uma redoma de crystal azul-claro.

A natureza parece tomar o seu banho de leite mórno. Porém, mal os olhos fulvos do sol apontam na linha branca do horizonte longinquo, como se uma agitação interna de revulsivos estremunhados encapellasse a nevoa, todo o mar se encrespa em vagas espumosas de leite batido.

Se o sol não acorda os ventos bravos, toda a perspectiva toma então o aspecto de um mar a ferver que o frio congelasse instantaneamente. Mas se, ao contrario, com o levantar do sol se erguem os ventos, delicia-nos um quadro immenso da grande natureza.

Por dezenas e dezenas de leguas, aquelle mar ha pouco dormente como leite mórno vertido n'uma taça immovel, alteia-se movimentado, effervescente. Toda a perspectiva é um mar bravo de cirrus cahidos, picados do vento, entrechocando-se em correrias, como serras de vagas marinhas que se afiam no alto, dobrando as cumiadas. Empolam-se vagas gigantes como outeiros que se desmoronam, semelhando montes de cinzas desfeitas n'um golpe de vento. Nuvens redondas como seios turgidos que se afunilam em pyramides move-dicas. E no meio d'este movimento de fluxo e refluxo em que as ondas alvas se entrechocam e fundem cavando valles e alteiando colinas, tudo se faz e desfaz, se construe e destroe silenciosamente, dando-nos a illusão de estarmos mudos por não ouvirmos os ruidos pavorosos d'este mar atormentado.

Para a illusão do oceano ser completa, emergem sobre esta massa de ondas, os cabeços do Jarmello, S. Cornelio e Fraguas, lembrando ilhas installadas em flocos vivos de espuma. Espalhadas pela nevoa, aqui e além, linhas negras dorsaes dos outeiros recordando barcos

de pesca ancorados. E á volta d'este mar, boiando na linha circular do horizonte visual, os espinhaços das Serras da Morofa, Estrella e Gata, azulados, frios e duros, lembrando couraçados passando ao largo.

N'estas altitudes é o mar de nevoa o mais bello espectáculo que a natureza viva nos dá.

Um verão revestindo os accidentes da mesma terra, embora seja tambem um espectáculo grandioso, tem contudo a lividez arripante da mortalha que envolve o cadaver. Tranze-nos um pavor instintivo de que toda aquella extensão coberta de neve jámais resurgirá para a vida animal vegetativa.

Quando a perspectiva liberta da nevoa e da neve se estende viva ao banho magnifico do sol, todo o panorama d'esta região avistada da Guarda tem um aspecto imponente, frio, silencioso, duro e severo, vagamente triste, de uma melancholia cujo objecto não reside n'ella.

E' uma paisagem de sonhos mortos, sem ruínas, sem os mais

leves vestigios. Não é uma paisagem que regale os sentidos em visualidades cariciosas, porque não tem cores que se alliem e se reflectam espargindo harmonias de tintas; e para a symphonia embalsadora das terras, faltam as notas suavissimas das oliveiras e os tons doces dos laranjaes de oiro.

A paisagem, assim, não solicita devaneios. Parece um lugar d'onde a poesia fugisse ha muitos seculos...

Para o alto? Para além da serra?

A phantasia não descobre um traço de evasão, e fica-se immovel a olhar o horizonte e o céu... Mas nem o horizonte nem o céu nos fecham languidamente os olhos para a morbidez de um sonho peninsular.

O céu não tem o azul-lavado, esmorecendo acima do sol, mas sim o azul vivo, rutilante e frio do anil molhado.

Para contraste, a terra que vive sob um sumptuoso docel, mostra um tom cansado de terras ceifadas e alqueives pardos rasgados do arado, com manchas irregulares e raras de arvoredos escuros compostos de pinhos, carvalhos e castanheiros.

Olhando o campo do Castello, a perspectiva tem o aspecto circular, formando dois circulos concentricos que se distinguem por tonalidades de luz diversas. O circulo de raio mais curto, é triste, pedregoso e secco — mostra fielmente o caracter da região. O circulo de raio maior, subtilmente velado por uma neblina magica de saphi-

ras diluidas em leite, falsifica e alinda a paisagem, como um véu azul no rosto de uma mulher feia, vista a distancia...

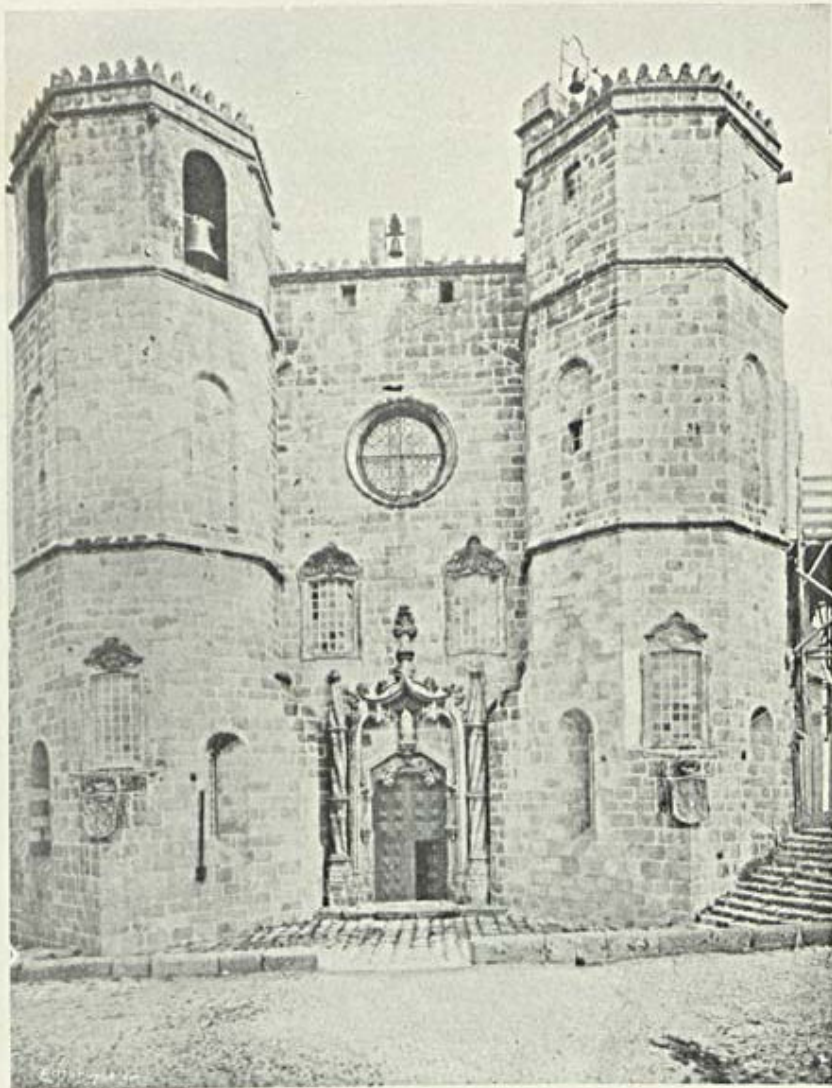
A circumferencia d'este circulo encerra toda a perspectiva n'uma linha forte de montanhas rigidias, de um azul-negro de aço polido, que fazem lembrar uma gigantesca muralha fechando um vasto acampamento de guerra.

E' nos cumes acerados d'estas serras que se afiam constantemente as linguas dos ventos e se temperam as chuvas que mordem o granito mais vorazmente que os dentes das limas.

Aqui, n'esta altitude, a physionomia cosmica é tão aggressiva e intractavel que os ventos e os frios parecem emanar das coisas. Os gelos da Estrella reflectem brilhos metallicos de espadas. As chuvas empoeiradas e as ventanias soltas cahem dos lombos altos das serranias debruçadas sobre os valles fundos. Até o pio de algum passarito que mal vòla tranzido no ar, parece o estalido de um pedaço de gelo quebrado entre os dedos...

Só a obra do homem podia suavisar aqui a obra nua da natureza,

A Sé da Guarda



Fachada principal

vestindo a região de arvoredos e assentando sobre ella casarias multicores construidas segundo as verdadeiras leis da esthetica; mas a natureza fez a mão do beirão escura e aspera, e a obra d'elle não pode ir além do meio em que foi creada.

Por toda a perspectiva alcançada pela visão, vê-se sempre a mesma cor pardacenta, mal vivificada pelo verde empoeirado da vegetação rara. Os povoados construidos de granito, cobertos de telha fabricada com o barro desmaiado da região, somem-se e confundem-se esbatidos na mesma tonalidade.

Não se vêem os esmaltes vivos da telha escarlata nem a alvura domingueira das granjas vestidas de cal. Apenas de leguas a leguas, a indicar uma aldeia apagada, se descobrem templos caídos; mas, no meio d'este isolamento, a nossa phantasia não idealisa ermitas vivendo nas cavidades dos blocos, seccos, anemicos, dormindo na caruma aguda dos pinheiros, mascando raizes e castanhas bravas.

Por mais que espicacemos o sentimento do sobrenatural, nenhuma d'estas egrejas avistadas da Guarda, frias e inexpressivas como pontos geodesicos espetados nos outeiros, evoca ou polarisa emoções religiosas, e mais parecem testemunhar a paragem de um theodolito que por lá passasse, do que a morada onde reside Deus para ouvir os homens.

E' que os templos das montanhas escalvadas não tem as penumbras religiosas das serras arborizadas nem as sollicitações mysticas dos valles e das planicies sombreadas de vegetações densas e doces.

Os crentes dos valles fundos sentem a necessidade de canalisar a voz através de um templo, não vão os echos dos montes fronteiriços, quando solta no ar livre, bater-se com ella, atirando-a pelas arestas, enfraquecendo-a na lucta, até a deixarem estrangulada na bôcca negra de um reconcavo.

Para estes, o templo é um refugio imprescindível de concentração mystica, onde a alma receiosa de transviar uma syllaba de prece ou uma vibração de aneio, vai gritar ou ciciar o seu voto, fazendo-o passar escrupulosamente através de um ponto: de um sacrario, de um retabulo, dos ouvidos de um martyr, dos labios de uma santa.

Na planicie, um templo ensombrado de oliveas pensativos é um Horto de meditações.

Lá dentro, em frente de um Jesus preso, chagado, adora-se lamentosamente um Deus que agonisa... Na serra, adora-se um Deus esparso na luz, e mal os olhos se despregam do chão toda a montanha é um Thabor illuminado!...

O espirito do montanhês não podendo abstrahir das idéas de limite e paragem, julga que Deus mora aqui mais proximo, a uns kilometros de altura.

Tambem, aqui, a perspectiva é um templo severo onde mal apparece recanto para as delicias do peccado. As linguas do vento fustigam que nem disciplinas, e o frio é um cilicio de bicos agudos a furar insaciavelmente a lã do capote.

Todos na serra mal se abandonam aos chamados gosos da vida para que se julguem obrigados a recolher-se perpetuamente na cella de um convento... E como a perspectiva é um grande templo severo, as egrejas d'aqui apenas merecem a attenção votada ás pedras isoladas do mesmo templo.

Mas não são apenas as egrejas simples dos presbyterios que n'estas faldas da Estrella mal despertam emoções religiosas. A propria Sé construida com planos artisticos, olhada externamente, sem as accumulações dos symbolos lithurgicos internos, acorda apenas a emoção esthetica sentida ao olharmos uma obra interessante da natureza regional. Tão harmoniosamente se casa com a natureza da

perspectiva que a sua architectura parece um accidente physico do terreno onde foi erguida.

Em frente d'esta obra de arte, a critica moderna leva-nos a procurar as origens e os motivos architectonicos na aspereza da serra, no clima e na indole do povo beirão, pois que são inevitaveis as influencias dos meios physico e moral em todas as manifestações artisticas.

Eu admitto tambem a theoria da suggestão do mundo animal e vegetal nas formação das linhas do corpo e nas inclinações affectivas, porque só assim posso explicar a rudeza da gente beirã, com certeza a falta de paysagens floridas e de obras de arte, bellas e suggestivas.

Ila de porém haver n'esta especie de phenomenos psycho-physicos uma influencia correlativa: a influencia dos homens já formados e dos adaptados sobre as obras de arte regionaes como a Sé. Nem todos seguem esta opinião.

Assim, raro é o visitante que não lamente a architectura macissa e brutal das torres da frontaria que esmagam a elegante entrada principal da Sé, e até alguns aventam a opinião de que ellas deviam, em tempos mais afastados, terminar em altas pyramides gothicas.

Não ha duvida que as torres exagonaes da frontaria, encimadas

por esguias pyramides, tornariam o templo mais elegante e rendilhado, mas o ambiente, na maior parte do anno nevoento e ventoso, não levaria a bem essa elegancia. Obedecendo á mesma influencia, os corucheus mais parecem monolithos quadrangulares rudemente lascados, do que peças de ornamentação architectonica. As proprias ogivas — chamadas a substituir elegantemente as linhas pesadas do terror millenario — enquanto n'outros templos lembram as mãos finas, alvas e macias de lindas monjas supplicantes, na Sé recordam as mãos escuras, gretadas e fortes dos jornaleiros beirões que carregaram e trabalharam a pedra. E como as torres, os corucheus, as ogivas, são os menores detalhes do templo.

Os artistas que durante 150 annos o trabalharam devem ter comprehendido que os ventos e as chuvas lhes comeriam em meia duzia de invernos os mimos frageis do cinzel.

Outro tanto já não podem fazer ás torres fronteiriças, pesadas, esmagadoras, e por isto mesmo coherentes com esta região onde não existem as harmonias dos planos ou das alturas. Aqui ou a natureza domina e esmaga o homem, ou o homem domina e esmaga a natureza. Apenas se vêem altitudes abruptas e fundas depressões. Para a obra de arte, não podia haver uma situação media.

Assim, a Sé da Guarda, rude, fria e aggressiva, quasi intracavel, não se mostra rapidamente como obra de arte, tão perfeita é a semelhança com as coisas da Beira. Mas parece um enorme bloco granitico que desabasse de um pincaro azul da Estrella, e viesse, rolando, rolando até á Guarda, cinzelando-se e recortando-se nos attritos da viagem.

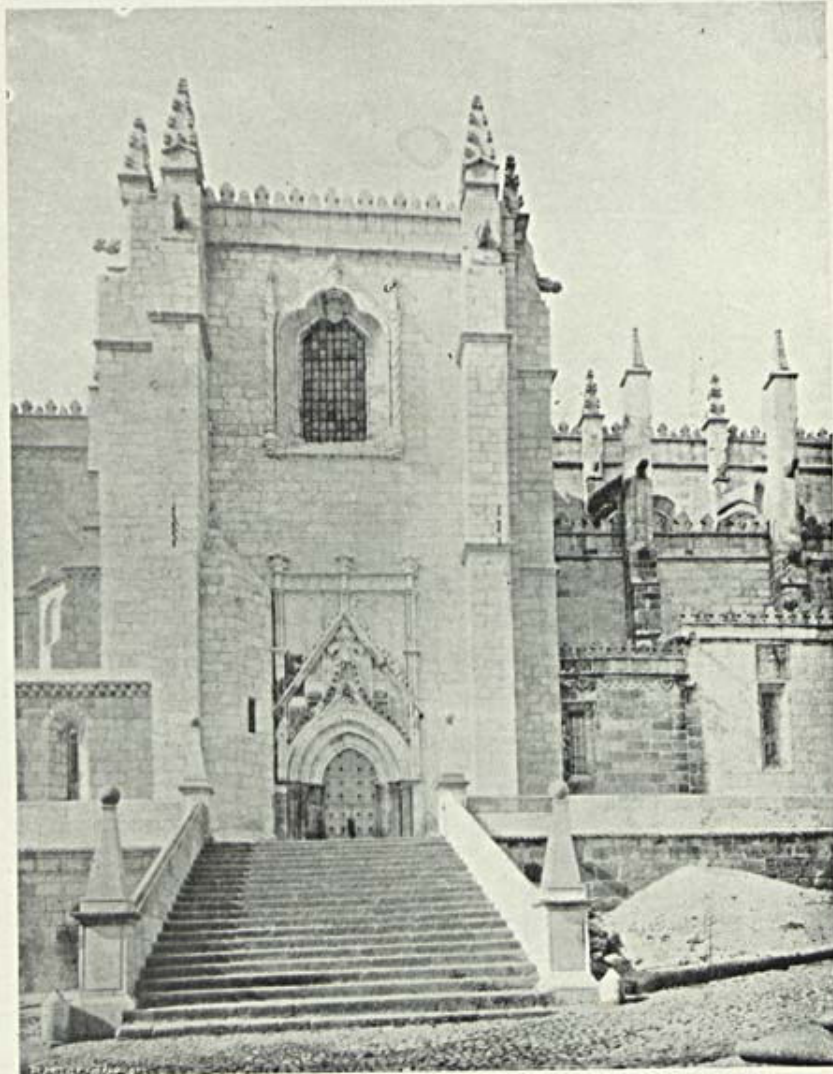
Tal é a unica obra de arte importante que se esconde na velha Guarda — a cidade fria, forte, farta e falsa.

Fria, como as neves dos seus montes.

Forte, como o aço do seu granito.

Farta de... ventos e pedras, porventura os alimentos prehistoricos dos gigantes mythologicos que lhe construíram a base.

Falsa para alguém não adaptado, porque lhe propicia hoje um corrego abastado de sol quente e amanhã lhe concede uma pneumonia com um repouso de um leito final...



Sé da Guarda. — Entrada lateral

E é também feia — dizem os *touristes*.
 Por mim, prefiro-a assim, tortuosa e severa, sem *chalets* arrebi-
 cados de papel e sem pó de arroz a estucar-lhe a physionomia.
 Tinha graça se armava ainda em *cocotte*, a velha matrona roma-
 na, a velha amiga de D. Sancho...

Guarda, 1909.

Padre ALVARES DE ALMEIDA.

Os grandes professores portuenses

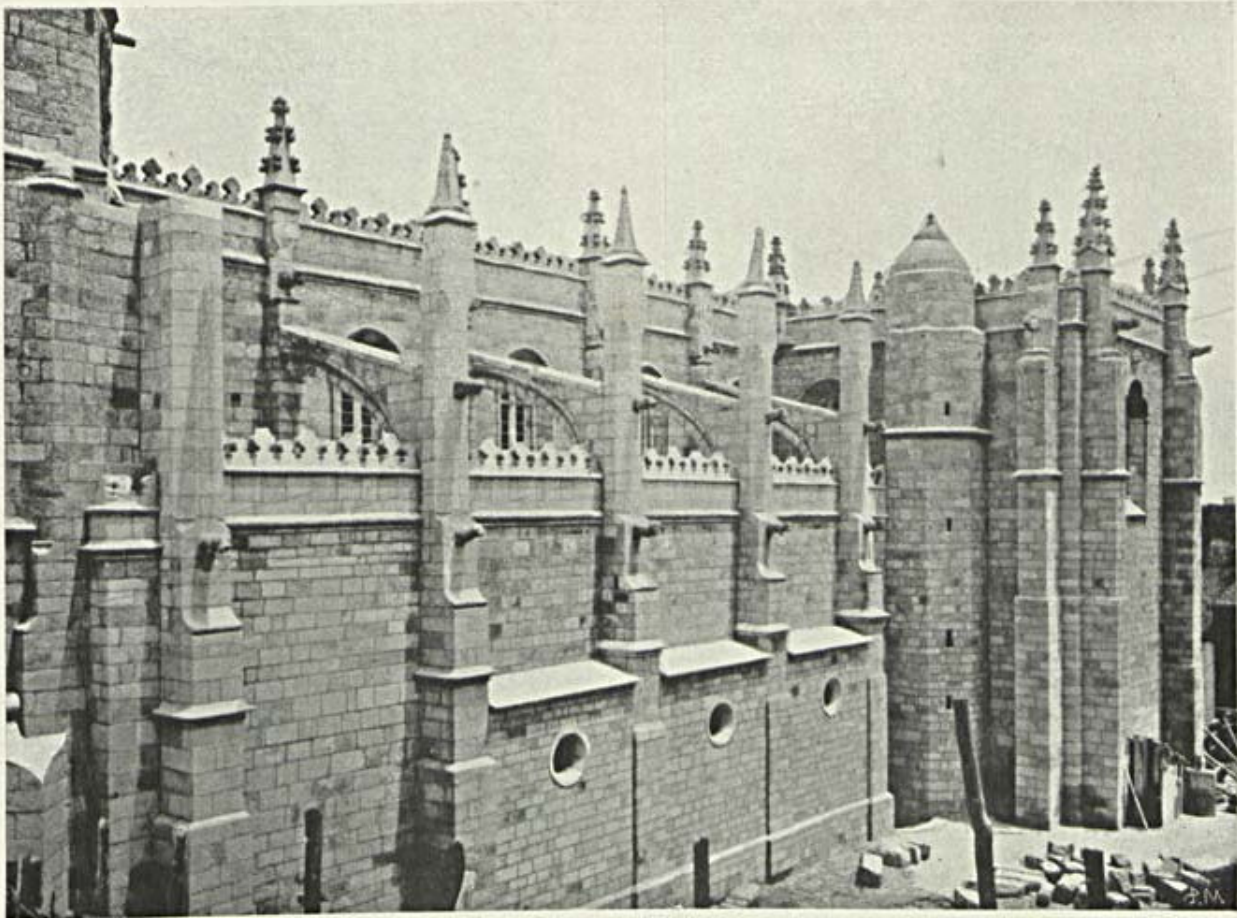
Na grande e profícua campanha de estreitar relações tradicio-
 nales entre Portugal e Brasil, campeia brilhantemente a in-
 teressantíssima Revista, que, para cooperar n'essa felicita-
 dora lide, escolheu, como titulo proprio, o conjunto das
 denominações d'essas importantes nacionalidades aliadas,
 desde sempre, em tudo, por tudo e para tudo, quanto interessa ao
 progredir de cada uma.

mercial e Industrial e na Escola Medico-Cirurgica da segunda capi-
 tal do reino de Portugal, *cidade, sem a qual, no auctorizado dizer*
 do grande Antonio Feliciano de Castilho, *jâmais houve, no paiz,*
revolução, que valesse.

Antevendo, com bons fundamentos, o generoso e obrigado ac-
 ceite d'este seu singellissimo subsidio de noticias referentes a alguns
 prestimosissimos portuguezes de boa lei, ousa trazer já, ao *Brasil-*
Portugal, como primicia d'esse seu apoucado, mas consciencioso
 tributo, os seguintes topicos biographicos do notavel professor Gus-
 tavo Adolfo Gonçalves e Sousa.

Esse lidimo patriota, engenheiro e lente tão distincto, quanto ho-
 nesto, liberal e diligente, nasceu no Porto, em 2 de agosto de 1818,
 e aqui falleceu, com cerca de oitenta e um annos de vida immacula-
 da, em 30 de março de 1899.

No dilatado e calamitoso periodo de acerrimas luctas partidarias
 entre portuguezes, que incitaram a mocidade estudiosa a depôr os
 livros para terçar armas por uma ou outra das causas que então se
 degladiavam, Gustavo Adolfo, embora ainda menor em idade, tam-
 bém acudiu à lide armada em prol das liberdades patrias, interrom-
 pendo, largamente, o curso de estudos preparatorios, que seguia na
 nossa antiga Academia de Marinha e Commercio fundada em 29 de



Sé da Guarda. — Fachada sul

E quando, como hoje, se suscita a tal campanha impulso novo e
 altamente fiador de futuros optimos para os dois paizes irmãos, até,
 na lingua-mãe, fôra erro, se não peccado irremissivel, a quietude in-
 differente de qualquer portuguez, ou brasileiro, por humilde, que
 seja.

Na faina do civilizar, cabe tarefa a todos, e para que, como no
 caso sujeito, seja perfeita a união, que dá a força efficaz, é condição
 primacial, que bem se conheçam mutuamente os co-interessados em
 tal porfia.

Não podem ser, pois, indifferentes, nem descabidas quaesquer
 noticias atinentes ao modo de ser civil, moral e politico de cada uma
 das duas grandes, antigas e bem conceituadas agremiações, de que
 se trata.

Eis porque o obscuro portuguez, que isto pensa, e escreve, vem
 cumprir o dever civico de pedir à illustre, illustrada e benemerente
 empreza do *Brasil-Portugal* a publicação de algumas notas biogra-
 phicas de professores portuenses dignos de commemoração pelo seu
 valor e pela indefessa e generosa sollicitude, com que se devotaram
 a instruir successivas gerações de portuguezes e de não poucos mo-
 ços brasileiros, especialmente, na Academia Polytechnica (succedanea
 da antiga Academia de Marinha e Commercio), no Instituto Com-

julho de 1803 e transformada em Academia Polytechnica, por de-
 creto de 13 de janeiro de 1837 (iniciativa do grande estadista Manuel
 da Silva Passos).

Em 1846 interrompeu, de novo, o curso superior, que frequentava
 distinctamente, na Academia Polytechnica, para se alistar no bata-
 lhão de academicos artilheiros (commandado pelo lente José Victo-
 rino Damazio), attingindo lá o posto de alferes e dando provas de
 precoce competencia technica na direcção de obras de defeza d'esta
 cidade do Porto e nas da reparação do castello de Vianna do Minho.

Serenada essa dilatada série de luctas politicas, voltou o nosso
 brioso e applicadissimo academico a continuar o seu curso de enge-
 nheria, concluindo-o em julho de 1850 e passando assim a figurar
 na testa da já hoje numerosa lista dos engenheiros civis, sahidos d'a-
 quelle excellentre estabelecimento de instrucção superior.

Concluida brilhantemente a sua carreira escolar e no sensato pro-
 pósito de bem conhecer a organização do ensino das mathematicas
 na Universidade de Coimbra, lá foi fazer, por algum tempo, essa ju-
 diciosa inquirição; passando depois a tirocinar, como engenheiro
 ajudante do Conde de Clarange Lucote, nos traçados e na construc-
 ção da rede d'estradas do Minho, e seguidamente a dirigir a do
 lanço da estrada real do Porto a Lisboa, comprehendido entre Villa

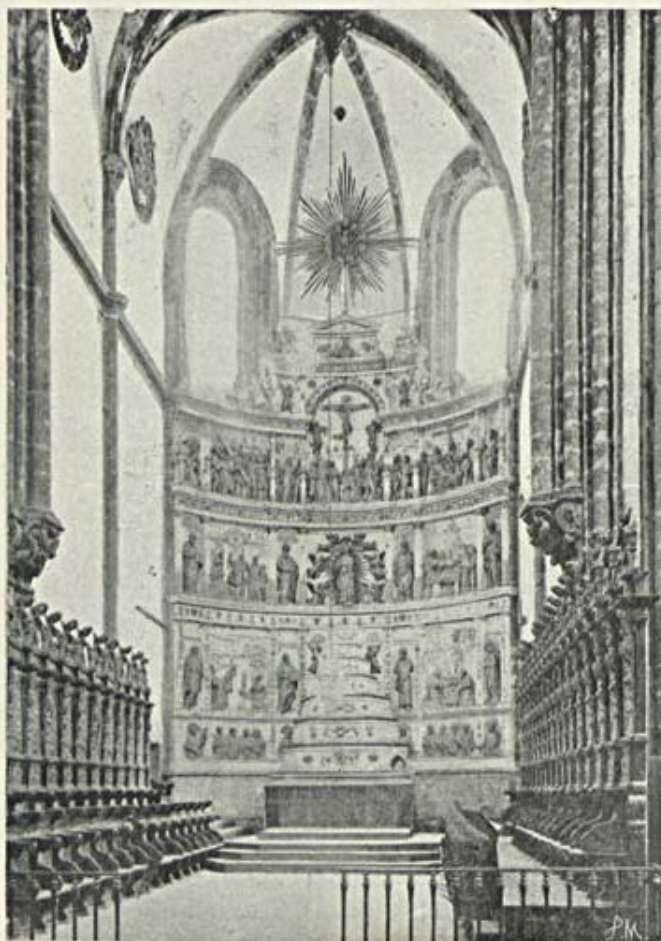
Nova de Gaya e o logar dos Carvalhos, além da de outras obras do Estado.

Posteriormente, sem prejuizo algum para a sua prestimosa tarefa official de dignissimo lente na academia pre-dita, e obedecendo ao impulso da sua caracteristica actividade e boa orientação artistica, planeou e dirigiu uma longa série de bons edificios de manifesta utilidade particular e geral, em que se salientaram um projecto de via ferrea entre a nossa cidade e Leça da Palmeira; escolas primarias e um hospital, n'essa villa; grandes obras no Santuario de Mattosinhos; no edificio do Palacio de Crystal, que deixou muito adeantado, e nos da Caixa Filial do Banco de Portugal, Academia Polytechnica, Bolsa e Tribunal Commercial Portuense, onde delineou e regeu, por muitos annos, a maior parte da admiravel estrutura geral, e da esplendida decoração interna; obras estas que, por sua iniciativa, foram notavel escola pratica complementar do ensino por elle mesmo professado, d'onde sahiram consummados canteiros, entalhadores, marceneiros, pintores, douradores, moldadores, estuadores, etc., e que, ainda muito antes de ultimadas, atrahiram a attenção de nacionaes e estranhos, que, em bom numero e espontaneamente, visitam, desde então, aquelle edificio, admirando-o como

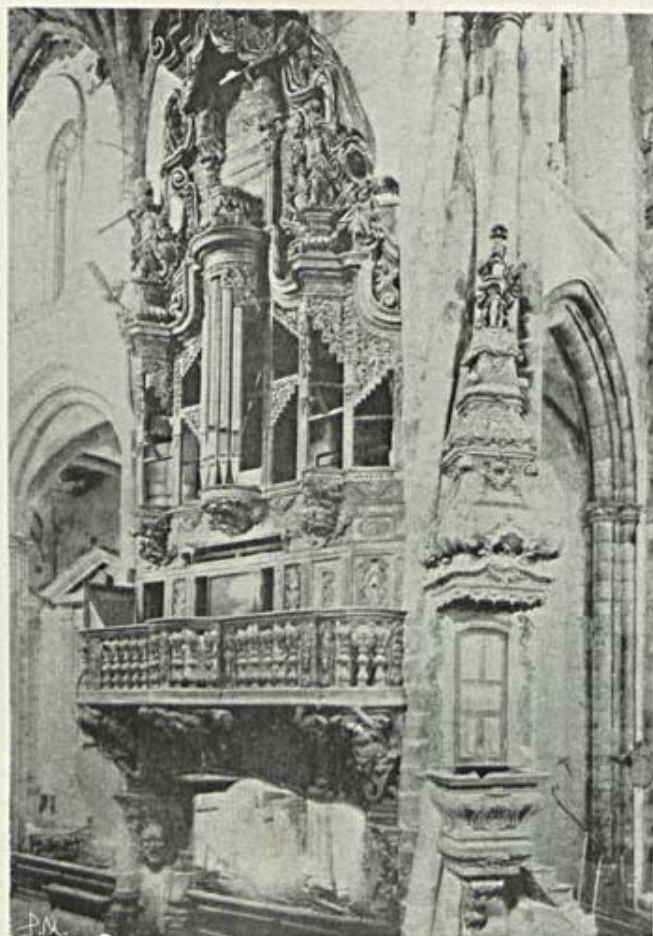
Na ultima reforma (de 1891), passou a professor a 11.ª cadeira, continuando (sempre distinctamente) n'esse exercicio e no de director effectivo d'aquella cada vez mais prestante instituição, até que, após longa e crudelissima enfermidade, desapareceu da face da terra.

Pretendendo o governo agracial-o com a Carta do Conselho de S. M. F., em attenção aos seus muitos e extraordinarios serviços e à sua indefessa devoção pelo ensino industrial, pediu que lhe fosse trocada essa graça pela concessão de melhoramentos diversos, no instituto que dirigia. Raro exemplo este de singular modestia e extremado amor patrio!

Conscia dos meritos profissionais e da inconcussa probidade d'este nosso illustre e illustrado conterraneo, a Camara Municipal do concelho do Porto nomeou-o, em 1864, engenheiro-chefe da sua junta de obras, cargo que desempenhou optimamente até 2 de janeiro de 1873, data em que, por legitimo pundonor, pediu exoneração, que aquella edilidade lhe concedeu, com manifesto pesar, visto os excellentes predicaos e relevantes serviços do brioso impetrante, que projectara, e deixava promptas, em grande maioria, importantes obras, entre as quaes cumpre citar o novo mercado do peixe;



Sé da Guarda. — A capella-mór



Sé da Guarda. — O orgão

notavel monumento architectonico, cuja superintendencia technica Gustavo Adolpho exerceu desde 12 de julho de 1860 até 21 de junho de 1879, em que a abandonou, por muito legitimo melindre do seu brioso e nobre caracter.

Quando, em 1852, a patriotica Associação Industrial Portuense creou a primeira das escolas industriaes do paiz, offereceu-se-lhe Gustavo Adolpho para reger, gratuitamente, a respectiva 3.ª cadeira (desenho industrial e geometria descriptiva); sendo para isso nomeado pela direcção competente, em sessão de 7 de maio d'aquelle anno, e regendo-a com esmero e grande proveito, até 1854, em que o governo portuguez estabeleceu, em substituição d'aquella, a Escola Industrial do Porto, nomeando-o lente das competentes 3.ª e 5.ª cadeiras, por decreto de 22 de janeiro d'esse anno, até que, por decreto de 20 de dezembro de 1864, se reformou e ampliou essa escola como Instituto Industrial e Commercial do Porto, passando Gustavo Adolpho a reger, alli, as cadeiras de geometria descriptiva, tecnologia e desenho de machinas, architectonico e topographico.

Por impedimento do antigo e eminente director d'esse Instituto, José de Parada e Silva Leitão, passou Gustavo Adolpho a substitui-lo interinamente até 5 de outubro de 1881, em que foi nomeado director effectivo, por decreto d'essa ultima data.

Na segunda reforma (de 1886), foi nomeado lente da 18.ª cadeira (desenho mechanico) e director do estabelecimento, de cujo novo pessoal docente lhe foi commettida a escolha.

o cemiterio e capella de Agramonte; a Avenida da Boa Vista, a que fixara a largura de quarenta metros; a sua ampla rotunda, de que irradiam quatro excellentes arruamentos; as largas e bellas ruas de Oliveira Monteiro, Duque do Porto, Gonçalo Cristovão, S. Jeronymo, Sá da Bandeira, Mousinho da Silveira, e o grandioso projecto de um grande parque entre a mencionada rotunda e a Quinta da Prelada.

Graças, ainda, à sua providissima competencia especial em assumptos de industria e artes, encarregou-o successivamente o governo de colleccionar productos nacionaes d'aquelles dois generos, com destino à Exposição de 1875, na Philadelphia; de exercer a vice-presidencia da Comissão Portugueza incumbida da 3.ª secção da Exposição Universal de Paris, realisada em 1878, e de visitar e estudar officialmente a Exposição Industrial de Guimarães, em 1884; o que prefez por modo tal, que, além de ser louvado em portarias de 29 de maio de 1876 e 30 de setembro de 1884, no tocante à sua intelligente e activa intervenção, nas primeira e terceira de taes exposições, foi condecorado pelo ministerio da instrução publica da França, em vista das provas de esclarecida proficiencia, que patenteira na segunda e a mais grandiosa d'essas exposições.

Instado, officialmente, em 1892, para aceitar a missão de inspector das novas escolas industriaes do paiz, apenas accitou e exerceu, interinamente, esse encargo, desde 18 de abril até 24 de maio d'esse anno (data esta da nomeação definitiva do bem conceituado

e esclarecido engenheiro Antonio José Arroyo, que fôra seu muito applicado e intelligente discipulo, na nossa Polytechnica).

Eis a veracissima summula das principaes phases da brilhante e afanosa carreira terrena percorrida, *sans peur et sans relâche*, pelo prestigioso patriota que se chamou Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, inolvidavel espirito de eleição, coração extremosissimo tanto



Gustavo Adolfo Gonçalves e Souza

para a sua veneravel familia como para os seus amigos, contemporaneos e discipulos, d'entre os quaes o mais obscuro, mas tambem o mais grato e fiel não podia, nem devia, perder este grato ensejo de contribuir com os apontamentos, que precedem, para a consagração (ainda por fazer, mas irrecusavel), d'esse insigne apostolo do progresso do paiz que lhe foi berço, e que tão bem serviu e honrou.

Porto

JOSÉ DE MACEDO.
engenheiro

NATAL

Para os corpos banhar de luz e graça de Deus
Na abobada dos ceos
Fez retular o Sol.

Para as almas encher de graça e amor e luz,
Como um doce pharol
Deus fez nascer Jesus!

Alfredo da Cunha.

THEATROS

D. Amélia, Samsão, peça em 4 actos de Henry Bernstein, traducção de Eduardo de Noronha. — **Gymnasio**, O Genio Alegre, peça em 3 actos dos irmãos Alvarez Quintero, traducção da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Diamantina Valladares. — **D. Maria**, Um Marido Ideal, peça em 4 actos de Oscar Wilde, traducção de Freitas Branco. — **Príncipe Real**, Josette, peça em 7 quadros de Paul Rebome, traducção de João Soller. — **Trindade**. — **Rua dos Condes**. — **Colyseu**.

Samsão!—Eis um nome difficil de pronunciar sem que a voz tome, insensivelmente, uma entoação mais forte. A ligação d'essas duas syllabas de uma robusta sonoridade, quasi simultanea, faz-nos, quando emittidas, antever o acto gigantesco d'essa figura lendaria, que n'um arranco brutal, n'um ultimo retezamento muscular, consegue abalar as columnas do templo, derruindo-o, para que o peso das abobadas esmague os seus inimigos. Nesta velha lenda encontrou Bernstein o motivo que serviu de base á peça que agora vimos no **D. Amélia**.

Bernstein, a par de um grande homem de theatro, é um audacioso. As suas peças são de um arrojo de concepção que maravilha. Aquellas situações tão originaes dão-nos a impressão de quadros arrancados á vida real e atirados de repellão para o palco, nus de preconceitos, com a rudeza caracteristica dos grandes dramas intimos da vida. Ali nada é burilado; a idéa manifesta-se tal como foi concebida; os caracteres são desiguaes, arrebatados quasi sempre; o truco fallece por completo; ao dialogo faltam-lhe as nuances delicadas, mas ha um não sei quê, qualquer cousa de imperceptivel, inexplicavel que nos prende; uma força occulta que nos attrae, avassala, emociona, opprime e arpepia como nas tragedias de *Shakespeare*; enfim, ha movimento, ha vida!

O demolidor do templo, **Samsão**; na peça de Bernstein está personificado em *Jacques Brochard*, um homem de nascimento humilde, que, quando garoto, corria descalço pelas viellas de Marsella, mas que, á custa de um insano trabalho, consegue acumular uma enorme fortuna. Ambicioso, quer uma mulher de nome, uma mulher da sociedade. Encontra-a. Chama-se *Anna Maria*; é filha dos srs. *D'Andeline, vieille roche*, arruinados, que vêm no casamento da filha a unica taboia de salvação. *Anna Maria* não ama *Brochard*; casa porque lh'o supplicou sua mãe de joelhos, lacrimante, temendo a miseria. *Brochard* não o ignora; gosta d'essa mulher, e, confiante, espera. *Anna Maria*, porém, engana-o com *Le Govain*, um typo repugnante que se diz amigo de *Brochard*, á sombra do qual consegue juntar alguns meios de fortuna. *Gracia Ritheford*, uma amiga da casa, mulher que tem tido dezenas de amantes e entre elles *Le Govain*, por quem sente uma grande paixão a ponto de pretender casar com elle, denuncia os falsos amores de *Anna a Brochard*. Este, para apanhar a mulher, simula uma viagem a Londres, e, voltando no meio da noite a casa, não a encontra. Uma vez adquirida a terrivel certeza, traça o seu plano de vingança. Provoca uma descida nos fundos egypcios em que elle e o amante da mulher têm empregado todo o seu capital e arruina-se arrastando na derrocada *Le Govain*. A sentença é terrivel; *Le Govain* só tem um unico meio de salvação: casar com *Gracia Ritheford*.—*Brochard* diz-lhe:—«Tu possuiste minha mulher, não é verdade? Pois has-de casar com uma que tem sido de toda a gente!...»

Nós gostaríamos que este novo **Samsão** mantivesse até ao fim a mesma altivez de caracter, o mesmo orgulho. Não o entendeu, po-

Theatros.—TRINDADE.—Sonho de valsa



(Cliché de A. C. Lima).

1.º acto

rém, assim o auctor — talvez pelo grande conhecimento que tem dos homens e das cousas — e mostra-nos no ultimo acto *Brochard* supplicante, rojando-se aos pés da mulher a pedir-lhe amor, pouco que seja, de uma forma tal, que nos causa dó. *Anna Maria*, mais rasoavel, diz-lhe que não pode dar o que não tem, e, assim a modo como premio de consolação, dá-lhe... esperanças.

Augusto Rosa tem no *Jacques Brochard* uma das suas maiores glorias. Foi soberbo, arrebatador; sustentou o violento e fatigante papel até ao fim sem sombra de desfalecimento e com a arte que todos lhe canhecem. Angela Pinto na *Anna Maria* foi a grande actriz de sempre, dando a personagem a altivez requerida. Emilia de Oliveira progride dia a dia a passos agigantados, — foi uma sublime *Graça Ritheford*. Barbara na senhora *D'Andeline*, muito bem. Todos os demais interpretes contribuíram conscienciosamente para a boa harmonia do conjuncto, e foram Chaby Pinheiro, Carlos de Oliveira, Henrique Alves e Raphael Marques, que nos parece já muito aproveitável, pois mostra vontade e estudo.

Da traducção nada ha a dizer senão que foi trabalhada pelo insigne escriptor Eduardo Noronha, e isto resume tudo.

— *El Genio alegre*, dos irmãos Alvarez Quintero é uma peça delicada, maviosa, cheia de poesia, de uma simplicidade quasi infantil, e, ao mesmo tempo, como o proprio titulo o indica, alegre.

Duas creaturas com um feitiço diametralmente opposto — tia e sobrinha. A primeira, uma marquezia rica, vive com algumas creadas

Marques foi uma verdadeira marquezia; Judith deu o relevo preciso á traquinas Consuelo e disse primorosamente todo o monologo do segundo acto que é uma joia litteraria; Rosa de Andrade deu á sua personagem uma desenvoltura e uma gaiatice verdadeiramente seductoras; foi bem uma hespanhola. O scenario de Luiz Salvador, muito bom.

— Depois de muita polemica, de trocas de officios, e de circularer os boatos mais desencontrados, abriu finalmente em sete de dezembro o nosso theatro Normal com a peça ingleza *Um marido ideal*, essa obra prima de Oscar Wilde. O nome do auctor é por demais conhecido, correu mundo n'um processo celebre de grande escandaloso, que foi a sua ruina moral, physica e intellectual. A sua obra revela uma pujança de genio que assombra, é de um brilhantismo sem igual. Foi um dos maiores escriptores do seculo passado. Para homens assim a justiça não devia ser tão implacavel. Aniquilar um homem de quem tanto havia ainda a esperar, representa um crime maior que o por elle cometido.

A peça, entre nós, agradou sem reserva, mercê não só do seu grande valor, mas tambem da maneira como a sociedade artistica do Normal a poz em scena e do magnifico desempenho que teve.

Se quizermos especialisar, poremos em primeiro lugar Fernando Maia, que foi de uma correcção extrema e teve scenas felicissimas como, por exemplo, a do final do segundo acto; depois, Luiz Pinto, vestindo com esmero, com a distincção precisa, muito igual, repre-

Theatros. — TRINDADE. — *Sonho de valsa*



(Clicé de A. C. L'inn).

2.º acto

e um velho mordomo n'um antigo solar da provincia onde a tristeza domina. Parece um convento. Anda-se ás cautellas, não vá o estru-gir dos passos perturbar a immobillidade das figuras a oleo dos antepassados da marquezia. Fala-se de mansinho. O riso de ha muito abandonou aquelle ambiente, e quando, por accaso, alli passa, é amarellecido e de fugida. Nem um cantar, nada!... se até os passaros evitam aquelles telhados!

Porém, com o regresso da sobrinha, que sae do collegio, uma gentil rapariga de dezoito annos, opera-se repentinamente no velho solar uma grande revolução. Farejando mocidade, o riso volta, fazendo ecoar os seus sons estridentes por todo o solar, sem o minimo respeito pelas effigies venerandas dos antepassados; já se fala alto; pula-se; canta-se; embora com grande desespero da marquezia e do mordomo, que vêem em tudo aquillo um desalôro, uma falta de moralidade, um attentado aos bons costumes, uma ruindade das educações modernas. Por fim tudo se apazigua; os velhos conven-cem-se que a mocidade é companheira inseparavel da alegria e para completar a festa até ha um casamento.

A peça está um pouco fóra do genero que estamos habituados a vêr no Gymnasio, o que não é motivo para censurarmos a empresa, pelo contrario, pois representa uma tentativa muito louvavel e digna do maior applauso. Se não fosse a traducção, que nos pareceu mal cuidada, a peça teria triumphado em toda a linha, pois que os artistas mostraram uma grande força de vontade em vencer todas as difficuldades, e podemos affirmar que o conseguiram. Especialisaremos, porém, Albuquerque, que foi exímio de naturalidade e Alegria, n'um papel avesso ao seu temperamento artistico, é certo, mas que interpretou de uma forma brilhante. Cardoso, no velho mordomo, fez o que poute e Augusto Machado fez uma rabula com felicidade. Jesuina

sentando muito bem. Joaquim Costa deu-nos um typo esplendido de um velho lord, que nos fez rir, sem nunca perder a fleugma exigida. Pinto Costa e Theodoro, em dois pequenos papeis, muito correctos, assim como Antonio Costa. Do elemento feminino temos a dizer que se apresentaram todas com luxuosas *toilettes*, salientando-se no desempenho Maria Pia, que tem no terceiro acto o seu melhor trabalho, Adelina Abranches, Augusta Cordeiro e Cecilia Machado.

A peça, que está cuidadosamente traduzida por Freitas Branco, foi ensaiada por Augusto de Mello.

— A *Josette* a par de scenas de uma grande intensidade dramatica tem outras graciosas e de uma frescura que se coaduna com o gosto de uma parte do nosso publico, mas bem observadas e escriptos de verdade.

Distinguiram-se no desempenho Pato Moniz no papel de *Conferin*, Eduardo Vieira, no Philippe de *Conferin*, Carlos Leal, no *Itiju*, e Lucinda na *Josette*.

A empresa está preparando a nova revista de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues que brevemente deve subir á scena.

Na *Trindade* continúa o *Sonho de valsa* fazendo as delicias dos espectadores conjunctamente com o *Barbeiro de Sevilha* e a *Bohème*, estando em ensaios o *Espadachim do Outeiro*, do distincto escriptor Lopes de Mendonça, com musica de Augusto Machado. A *abelha mestra* está dando na *Rua dos Condes* as ultimas representações para ceder o logar á peça de André Brun e João Phoca, *Fado e Maxixe*.

O *Colyseu* continúa tendo enchentes successivas e no *D. Amelia* temos a genial artista siciliana, Mimi Aguglia de quem nos occuparemos no proximo numero.

Ruy.